2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 3. QUINTA FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1851. **11. ANNO.**

ADVERTENCIA.

O Redactor da REVISTA, sahindo do reino por alguns dias, póde assegurar aos leitores do jornal, que o plano da redacção continuará a ser o mesmo e em conformidade com as instrucções, que deixa em Lisboa a pessoa encarregada de o substituir.

Todas as cartas devem continuar a ser-lhe dirigidas ao Escriptorio, rua dos Fanqueiros n.º 82, porque ahi se lhes dara o competente destino.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DOCUMENTOS INDUSTRIAES.

Restituição dos direitos do algodão estampado no paiz — Contrabando — Certidões de descarga.

Publicâmos hoje tres importantes documentos, que por si nos dispensam de quaesquer reflexões em particular ácerca de cada um delles.

A questão dos algodões foi já por nós tratada, e só nos resta cumprir o dever de declarar que o Sr. Conselheiro Ferrão, como Ministro da Fazenda, recebeu os delegados da Sociedade Promotora da Industria Nacional, por tal fórma, e attendeu tanto as considerações que lhe foram apresentadas, que seria grave injustiça não lhe tributar, em nome das fabricas do paiz, um bem merecido louvor. Esperamos que o Sr. Fontes, um dos mais conhecidos e illustres defensores dos nossos foros industriaes, não deixará morrer as esperanças que o seu antecessor havia feito nascer. O negocio das certidões, pela segunda vez sollicitado pelo nosso corpo commercial, é de si tão simples e justo, que nos parece impossivel que o Sr. Fontes não satisfaça breve aos desejos de tão respeitavel classe. — Quanto ao contrabando consta-nos que o Sr. Ministro do Reino, prestando a maior consideração á representação da Sociedade, pozera em pratica o alvitre ahi lembrado.

Eis aqui os documentos a que nos referimos, e sobre os quaes chamamos a attenção do Governo e dos nossos leitores.

27 de Agosto de 1851

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Senhora. — A Sociedade Promotora da Industria Nacional, cumprindo-lhe zelar os interesses legaes de todos os differentes ramos do trabalho nacional, creados e desinvolvidos em virtude das leis protectoras da industria, sanccionadas com o Augusto Nome de V. Magestade, respeitosamente vem hoje perante o Throno, pedir a promulgação de uma providencia urgente para se accudir ao decadente estado que ameaça a industria da estampagem e tinturaria do algodão. Estas causas são, Real Senhora, estranhas á mesma industria, que diariamente progride na perfeição dos seus productos; mas são dependentes de factos economicos que lhes são estranhos, e por que o direito que paga sobre o algodão de que faz materia primeira, não a deixa aproveitar da sahida que na Africa e no Brasil teriam os seus productos, se a importancia desse direito não as desviasse de competir em preço com os productos estrangeiros.

A Sociedade havendo examinado este grave negocio por todos os meios ao seu alcance julga que só a restituição dos direitos aos algodões exportados para todas as nossas possessões e paizes estrangeiros, poderá evitar o grave prejuiso que está ameaçando uma avultada somma de capitaes, e um grande numero de operarios.

A Sociedade já se dirigiu para este fim ao Corpo

Legislativo, e ao presente novamente o faria se o parlamento estivesse aberto; mas como V. Magestade se serviu nas actuaes circumstancias assumir os poderes extraordinarios que julgou convenientes para bem da causa publica, a Sociedade recorre a V. Magestade, levando á sua Augusta Presença a representação que dirigiu em tempo ás Côrtes e que teria repetido se não fossem dissolvidas.

Senhora, não só subsistem ao presente as mesmas rasões que dirigiram o pedido da Sociedade, e que convenceram as Commissões respectivas da Camara dos Srs. Deputados a approvar o projecto de Lei a que tal pedido se referia; mas cada dia são mais fortes e ruinosas para a industria nacional.

A Sociedade por tão ponderosos motivos pede a V. Magestade que haja por bem acudir com a providencia que sollicita a uma das mais importantes classes de merito da industria nacional.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade, 9 de Agosto de 1851. — Assignado — *Visconde da Carreira*, Vice-Presidente da Sociedade.

Senhora. — Dizem os abaixo assignados, negociantes, e proprietarios de diversas fabricas, que tendo por vezes não só os signatarios, como muitos outros interessados, reclamado providencias contra o vexame que soffrem, e contra o tropeço ao seu giro commercial, por serem constrangidos a mostrarem certidão de terem realisado para o seu destino os generos, e mercadorias, nacionaes, e nacionalisados, exportados d'uns para outros portos portuguezes do continente e ilhas, veem hoje, fundados nas mais judiciosas rasões, e abrigo de auctoridade irrecusavel, pedir a abolição de tão irregular, e oppressora disposição, consignada no Decreto de 16 de Janeiro de 1837.

O Ministro da Fazenda já reconheceu a necessidade de se derogar aquella disposição, e apresentou na Camara dos Srs. Deputados, em sessão do 1.º de Julho de 1850 uma proposta de lei, datada do mesmo dia, como se vê no *Diario do Governo* n.º 153, do dito anno a paginas 800, *in fine*, resalvando, com algumas excepções, o que entendeu proficuo ao fisco, e á sua fiscalisação. Sobre tres pontos se póde visar esta questão. O primeiro que é o dos interesses do fisco, não póde offerecer objecção, porque o direito de sahida do porto, para porto nacional, é tão modico, que seria pueril pensar em fraude, quando as auctoridades tem em si os meios de reconhecel-a, sendo o dono do navio obrigado a apresentar effectivamente a certidão da descarga geral, tornando assim superflua a apresentação parcial dos generos carregados no mesmo navio. O segundo, que é o economico, é de primeira intuição que constranger os negociantes, para effectuarem pequenas remessas, a lavrarem termo de fianças, e incommodarem os seus correspondentes, e vice-versa, com o encargo de sollicitarem das Alfandegas certidões das entradas dos generos remettidos, e vae de encontro aos axiomas economicos de facilitar a acção commercial, para que ella seja o mais ampla possivel, e por conseguinte a mais proficua. E o terceiro é juridico, visto que é um aphorismo sabido, que quando a lei pela sua disposição póde ser illudida, o abuso é o seu resultado; e na verdade sendo o negociante obrigado somente a prestar as fianças no caso do despacho ser superior a 100$000 réis, aconselha-se por este modo a que faça remessas em pequenas porções, mas assim vem ao commercio uma acção lenta, que é quasi não ter vida, comprimindo os commerciantes a subdividir os despachos, o que augmenta o trabalho das casas fiscaes, e das commerciaes. Em conclusão a disposição do Decreto de 16 de Janeiro de 1837 é vexatoria, induz a fraude, e embaraça o commercio de cabotagem e interno, tão vantajoso para todos os paizes. Por tanto

P. a V. Magestade a graça de que na situação actual, de haver o Governo assumido a si poderes extraordinarios, promulgue, como lei, a proposta a que alludem.

Lisboa 13 de Agosto de 1851.

E. R. M.

(Com 41 assignaturas).

Senhora. — A Sociedade Promotora da Industria Nacional não satisfaria ao seu fim, se não empregasse os meios ao seu alcance para proteger o commercio e a industria manufactora do paiz, e se não ponderasse a V. Magestade o que a bem da Nação entendesse por mais conveniente.

Adoptar medidas para desenvolver a industria, e dar maior amplitude ao commercio, e deixal-as frustrar pelo arrojo de alguns ousados contrabandistas, que attrahidos por um sordido ganho perturbam a marcha regular e acção activa daquelles ramos de riqueza publica, é centuplicadamente peior do que abandonar o commercio e a industria á sua propria acção e natural tendencia; e por certo o Governo de V. Magestade não deseja que haja no paiz este meio destruidor da ordem social, cuja existencia actual no reino do Algarve só póde explicar-se por que o desleixo de algumas auctoridades não tenha feito saber ao Governo de V. Magestade uma serie de factos deste genero alli occorridos.

Uma proposta apresentada n'esta Sociedade, deu logar á nomeação d'uma Commissão, que investigou os casos mais frisantes de Contrabando, praticados na costa do Algarve, conhecendo em resultado, depois de zelosas, fidedignas e aturadas informações, que os factos de contrabando no reino do Algarve são em grande quantidade, e muito repetidos; tornando-se assaz escandaloso o que desde algum tempo se tem praticado pelo porto de Tavira, onde se empregam (segundo informações) não menos de vinte barcos em tão pernicioso trafico, contrabandeando em grandes porções de ge-

neros e vitualhas; sendo notavel que até já se aventuram a introduzir generos de muito volume e infimo preço, o que manifesta claramente o desafogo com que operam por não receiarem o rigor do castigo, e estarem seguros da impunidade.

Se o Governo de V. Magestade não atalhar com remedio prompto estes males, o commercio licito soffrerá profundamente; a industria manufactora definhará de dia para dia; o fisco perderá grande parte de seus rendimentos; e o que é peior a moralidade publica se perverterá a ponto que, sendo impossivel o remedio, a sociedade seja um perfeito cahos.

Ao tractar deste assumpto, não póde a Sociedade Promotora da Industria deixar de lembrar ao Governo de V. Magestade a conveniencia de mandar alli pessoa de sua confiança para tomar informações, e conhecer da verdade de taes factos; e ao mesmo tempo de se adoptarem provisões proporcionadas á gravidade do delicto, passando a pena imposta actualmente aos contrabandistas, além da perda dos generos; e se os empregados publicos, quando coniventes, não forem severamente punidos, nada se conseguirá que possa proficuamente impedir o contrabando.

Conclue a Sociedade sollicitando com vehemencia as mais promptas medidas para a repressão do contrabando, particularmente para o que se faz pelas costas do Algarve, e principalmente pelo porto de Tavira, por ser o mais escandaloso; esperando confiadamente que o Governo de V. Magestade saberá rebater tanta audacia, e empregar o maior rigor para que cesse tão nocivo trafico, garantindo assim os legitimos interesses publicos, que da continuação delle seriam altamente damnificados.

Deus prolongue a vida de V. Magestade como é mister. Lisboa e sala das sessões da Sociedade Promotora da Industria Nacional, 5 de Agosto de 1851. — (Assignado) — *Joaquim José da Costa de Macedo* — Vice-Presidente da Sociedade.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXI.

— «Iremos gastar cem mil libras n'um jardim de inverno, ou dotaremos escholas de desenho em Birmingham, Manchester, Glascow etc. etc.»

Tal é o titulo de uma carta impressa, que M. Francis Fuller, membro da commissão executiva da grande exposição, dirigiu ha pouco ao presidente da junta de commercio. Não deixará de ter influencia no publico a opinião de um homem, que por seus particulares esforços concorreu muito para aplanar as difficuldades que desde a origem se appresentaram na realisação da Exposição Universal. Á vista da recente decisão que manda subsistir o palacio de cristal até maio de 1852, julgou que devia neste intervallo chamar a sisuda attenção de seus compatriotas sobre o futuro destino do edificio e principalmente quanto ao emprego de cem mil libras que ficarão de sobra em poder da commissão regia. Tratando a questão profundamente, differe da opinião de M. Paxton e de M. Henry Cole: faz completa justiça ao talento do primeiro; porém a gloria de M. Paxton é independente da conservação do palacio de cristal: não fallando em toda a imprensa europea, o *Illustrated London New* (a *Illustração* ingleza) seria sufficiente para assegurar a immortalidade do seu nome. Embora desappareça o palacio de cristal, a imaginação das aias das creanças, para as entreter e enlevar, creará outro ainda mais maravilhoso que o demolido, e a honra e fama desse prodigio pertencerá a M. Paxton. Deve, portanto, o engenhoso architecto, considerar-se desinteressado na questão que vae debater-se. Outro tanto não póde dizer-se de Cole, que em seu folheto combateu galhardamente pelos seus deuzes penates. Este Sr., membro influente da commissão executiva, foi proclamado — ignora-se ainda porque — o Luiz Bonaparte da grande Exposição, o homem indispensavel no palacio de cristal, em virtude do que recebe por seus serviços o salario annual de 800 libras. Consequentemente pediu a conservação do palacio de cristal, isto é, a prorogação do seu poder lucrativo: como homem habil, que sabe donde sopra o vento, generosamente offereceu transformar o templo da industria em jardim de inverno para uso dos trens pomposos e brilhantes cavalcatas da taful West-End.

Não se pense que M. Fuller menospresa as flores, os arbustos, as arvores; sem ser bucolico gosta, como outra qualqner pessoa, das bellezas da natureza quer vegetal quer animal. Um jardim de inverno, onde em dia chuvoso se contemplasse commodamente lindas creanças, e bonitas amas sorrindo-se para os namorados, senhoritas aristocraticas espanejando-se á vista dos seus admiradores, ageis cavalleiros alardeando suas galas, e equipagens douradas proseguindo em magnifico prestito; tudo isto (concordamos na mais completa boa fé) offereceria uma vista soberba, e faria contraste frisante com o espectaculo das ruas, onde se veria a população industriosa, exposta á chuva, patinhando lamas para se encaminhar cada um ás suas occupações. Porém M. Fuller é bastante incredulo para deixar-se persuadir de que este contraste, posto que delicioso por certa face, possa contribuir para o progresso das artes, o adiantamento da sciencia, o aperfeiçoamento da industria.

Pondo de parte todas as acanhadas objecções suscitadas contra a conservação do palacio de cristal, no seu entender a verdadeira questão é esta: — Será este edificio transformado em jardim d'inverno para accrescimo de fausto dos ricaços do West-End, que tem já para seus recreios, Saint-James'Park, Green-Park, Hyde-Park, e os jardins de Kensington? O juro das cem mil libras será empregado no costeio do novo jardim, ou servirá para dotar e tornar florecentes as escholas de desenho das grandes cidades fabris, escholas que jazem n'um deploravel estado?

M. Fuller duvida que a classe industrial das provincias, que subscreveu para a grande exposição, tivesse jámais a lembrança de crear um jardim de luxo para a tafularia de Londres. Julgando que não é necessario accrescentar os prazeres dos afortunados neste mundo, declara-se a favor da instrucção do povo e

do progresso das artes; pensa que as cem mil libras pertencem de direito á industria, e devem ser applicadas a tornal-a mais florecente.

Pela sua parte M. Paxton publicou em os jornaes dos primeiros dias de Agosto nova carta em apoio da sua broxura a pró da conservação do palacio de cristal. Sem repetir os argumentos que produziu na carta a lord Campbell, observa que a maioria das pessoas que requerem a demolição do edificio são habitantes da visinhança, ás casas dos quaes tira a vista, e que desejam dar vulto ás suas queixas para prepararem a exigencia de indemnisações no caso de ficar de pé o palacio da exposição. Não tem rasão; (diz M. Paxton) porque, tiradas as tabuas que formam o socco ou rodapé do edificio e as lonas que o cobrem na totalidade, esta construcção offerecerá um ponto de vista extremamente agradavel ás casas visinhas e de certo lhes dará maior valor. Demais disso, MM. Fox e Henderson obrigam-se a substituir aquellas tabuas por vidraças e a pôr em bom estado o tecto e mais partes do edificio mediante a despeza de doze a quinze mil libras; obrigam-se mais a fazer as repartições e trabalhos de conservação durante o periodo de 21 annos pela quantia de 5:500 libras annuaes.

Factos relativos á exposição. A Illustrated London News de 9 do corrente diz na *Chronica* — «A collecção portugueza enriqueceu-se com um specimen maravilhoso de bordado a cabello, tão delicada e perfeitamente desempenhado, que parece um esboço feito com tinta da China. Pendurou-se da moldura um microscopio para que os visitantes possam examinal-o de mais perto e minuciosamente.

A cidade de Nuremberg mandou ultimamente uma imprensa typographica, que foi collocada no repartimento supplementar da Alemanha, detraz dos Estados-Unidos: é um prelo que parece admiravelmente ordenado e de bom trabalho.

O repartimento dos Estados-Unidos tambem recebeu a figura em gesso de Oliver Twist, heroe de uma celebre novella de M. Charles Dickens, modelada por um esculptor americano. Á mesma exposição anglo-americana tinham chegado novos objectos que se estavam desempacotando; consistem principalmente em carroagens, vinte caixões de novos instrumentos agricolas, e alguns aparelhos para mondar ou limpar o algodão. Diz-se que as charruas ligeiras americanas são mui bem acolhidas pelos lavradores inglezes, e que de dia para dia ganham mais credito. Só dentro em quinze dias foram encommendadas por diversos proprietarios ricos dos districtos agricolas mais de um cento daquellas charruas.

M. M. Buckland e Topliss expozeram já no mez actual nma nova *cigarreta* ou pipo de fumar, cujas vantagens são incontestaveis: a extremidade que se mette na bocca obra como um filtrador, e absorve o oleo empyreumatico e o principio narcotico, que causam tão perniciosos effeitos, podendo assim o fumante gosar unicamente do aroma.

Faz-se notavel na exposição ingleza uma maquina magestosa por suas dimensões; é a prensa hydraulica que serviu para levantar a famosa ponte — tubular, toda de folha de ferro, que o engenheiro Stephenson lançou ha pouco tempo sobre o estreito de Menai, a fim de qne o caminho de ferro, por onde vai a mala da Irlanda, podesse seguir até Holyread na ponta occidental da ilha de Anglesey. Esta maquina prende a attenção por ser colossal, mas toda a sua importancia deriva da ponte a que serviu. É com effeito um verdadeiro progresso na arte das grandes construcções: tem dimensões prodigiosas; consiste n'um tubo feito de chapas de folha de ferro encabeçadas umas nas outras, que repousam sobre tres pilares de modo que os dois arcos centraes tem o tremendo alcance de 139 metros (631 palmos proximamente). Esta mesma ponte se vê reproduzida na galeria central da Exposição em um bonito modelo em ponto pequeno, que até mostra miudamente o processo de elevar o tubo á altura em que está suspenso nos ares.

Esperava-se na terça feira 5 deste mez, fixado para a procissão dos *Teatotallers* (pessoas que fizeram voto de substituir pelo uso do chá o do vinho e mais bebidas espirituosas) que o numero dos visitantes da Exposição se augmentaria com 20:000 desses peregrinos da temperança; addicção que devia elevar a 80:000 o numero dos concurrentes, que nas terças feiras ordinariamente é de 60:000. Mas houve engano quanto aos teatotallers, que não são mais do 6:000: em summa, a quantidade total dos visitantes nesse dia foi 68:069 pessoas.

Ainda são, como acima se vê, frequentes as remessas de novos objectos. Entre outros, notam-se tres colmilhos ou dentes de elephante, que são os maiores que tem vindo á Europa: cada um mede 12 palmos e 6 pollegadas de comprido, 22 pollegadas de circumferencia; pesam 164 arrateis: foram trazidos recentemente do Cabo de Boa Esperança.

Consta por via fidedigna que S. M. a Rainha Victoria comprou na exposição portugueza a seda azul estrellada de oiro exposta pelo Sr. Carvalho.

EMIGRAÇÃO—ESCRAVATURA BRANCA—MOSSAMEDES.

(Continuado de pag. 18)

Sr. T. P. da M. Estima. — Pernambuco.

Loanda 1 de Março de 1851.

Amigo e Sr. — Participo-lhe que me acho arrumado em uma excellente casa, ganhando 25$000 rs. por mez, e que me acho prompto para o seu serviço; seu primo desarranjou-se da casa em que estava, mas logo se arranja. Dos colonos que vieram para esta cidade só dois é que não se arranjaram, um por que é uma *lesma*, o outro por ser de costume embriagar-se, que é o F. . . A C. . ., (aqui enche 12 linhas com coisas proprias de rapazes, e segue):

A rapaziada de Mossamedes dividiram-se pelo centro da Colonia, uns foram para os Gambios, terra muito fertil, e regada por um rio, ponto de muitas esperanças para a lavoira, e commercio; outros para o Hila, aonde se vae montar um engenho pelo Governo, para o que a escuna *Falcão* já sahiu daqu carregada de canna, para plantações: outros foram para o Bumbo com o Costa e o Moreira, montar os seus engenhos, aonde se acham muito con entes, e com muitas esperanças; Deus se digne proteger este torrão.

Já se acabaram mais cinco casas na povoação pertencentes á gente da segunda expedição que dahi veio, e estão fazendo mais; esquecia-me dizer-lhe que no Giraú (perto das hortas) se arranjaram umas salinas, e os auctores foram muito felizes, pois tem tirado sal, egual ao de Setubal, e com muita abundancia.

Mossamedes, á primeira vista, atterra os animos mais resolutos, mais depois de se examinarem os seus contornos, já se cria outra alma; o homem sente-se com toda a anterior coragem; fique certo que o não estar mais prospera esta Colonia deve-se ao Bernardino.

Ha dias chegaram do Rio de Janeiro dez colonos, e esperamos o navio «General Rego» de lá com mais outra expedição, em que dizem vem duzentos mocetões, veremos: assim como que o governador desta recebeu aviso do Ministro da Marinha para esperar outra expedição do Maranhão. A exportação de Mossamedes em o anno de 1849 a 1850 em cera, marfim, urzella e peixe secco, foi de 120:000$000 réis. Ahi deve ter chegado o Pavão que dahi veiu, o qual sendo governado pela mulher, aqui não quiz ficar, apezar de ganhar por dia 2$500 réis; veja se elle ahi ganhava similhante jornal. O Manjaricão parece que se quer retirar, a que tambem não admira, visto ter mulher e filhas, e póde ser verdade que duas dellas estavam falladas para cazarem, como aqui alguem me diz.

Fique certo, caro estima, que Mossamedes é uma terra muito boa, e hade ser feliz quem se dedicar ao campo, a fazer progredir a agricultura, tendo saude ponto em que felizmente muito ganha esta provincia, presentemente, ao Brazil; aqui sabemos o que ainda está succedendo em essa provincia, na Bahia, Rio de Janeiro, Pará e outras.

Se tiver alguma carta para mim, fará favor de ma remetter ainda que seja pelo Rio, pondo a direcção para casa de J. C. de Bittancourt. — Saude e felicidade, e sou de v. attento venerador e criado. — José Antonio Pinto Guimarães.

P. S. O Rangel e o Coutinho foram para os Gambios, o primeiro encarregado de fazer uma pequena fortaleza.

Presadissima filha do meu coração. — Pernambuco. Mossamedes 27 de Fevereiro de 1851.

Com muito gosto pego na penna para te dizer da minha saude, que felizmente é boa, e de teu mano egualmente. Já te escrevi por dois navios, e ainda não tive resposta tua. Aqui não ha regalos, que se possa mandar algum, a povoação é muito pequena, ha muitas terras, mas ás vezes faltão as chuvas em tempo proprio; dá-se muito bem o milho e outras plantas, tres vezes no anno; por hora o negocio é pouco, mas espera-se que vá melhorando, o clima é muito bom, tanto que de Benguella vem quem é doente, aqui tomar ares,

Aqui estou com casa de chocolate, caffé, comida, e bebida etc. (como sabes era minha tenção) por hora em ponto pequeno, os lucros são pequenos, já comprei uma casa, e estou acabando outra de pedra e cal, que deve estar prompta daqui a dois mezes; tambem comprei um pequeno sitio (quinta) no qual tenho de hortelão o Antonio Gallego, e me dá hortaliças e fructas, tanto para gasto de casa, como para vender.

Minha filha, faz muita diligencia para fazer bom negocio, e mais teu mano, pois eu ainda quero que nos juntemos outra vez, ou aqui, ou em Portugal, que isto é muito bonito, para o conceito do publico, e para mim de eterna consolação; teu mano José Pedro esta na minha companhia, mas pouco me ajuda; é aqui o mesmo que era n'essa. Eu já te disse para me mandares algumas fazendas, porém que seja tudo muito barato, que é para vender igualmente barato; no caixão das obras de folha, não me mandes cocos, que aqui não se vendem. Diz ao Sr. Francisco Barbosa que em tendo navio me mande tres barricas de assucar mascavado, uma do branco, quatro de farinha de trigo, e seis saccas da de mandioca, e qualquer outra cousa, que elle veja cá se venda; e a conta, que eu pagarei tudo promptamente como costumo.

Teu padrinho morreu em Qoanda. Faz da minha parte muitas visitas a todos, e escreve-me a miudo; esta serve igualmente para teu mano. Esta tarde entrou neste porto, vinda da Bahia, uma barca com colonos que aqui já esperavamos, dizem que vem 200, veremos. — Tua mãe que muito te estima. — Margarida de Jesus.

Em 21 de Maio.

Sr. Redactor. Eu quiz enviar esta em o vapor Teviot, mas elle não me deu tempo, por isso a augmentarei, e com que será? desgraçadamente com a chegada de mais dos taes escravos brancos.

No dia 10 deste entrou no Rio a galera portugueza Flora, capitão Antonio Martins Fiuza de Oliveira, em 42 dias do Porto, 35 pessoas de tripulação, e 150 passageiros. No mesmo dia 10, a escuna portugueza Leonor, capitão João Joaquim Gomes, em 40 dias do Fayal, 15 pessoas de tripulação e 137 passageiros. Ora aqui temos desde o dia 2 a 10 de Maio entraram em o Rio de Janeiro 408 portuguezes, fora alguns dos homens da tripulação que haviam de ficar, pois estes navios jámais podem pagar a tanta gente; metade mesmo é suficiente para a sua manobra; podemos contar 440 pessoas!!! Já disse bastante, em esta data a tal respeito; esse povo, especialmente do Porto, deve fazer justiça a esses monstros, que ahi vão pejar os navios; aliás ficarão sem gente; e cá andarão fugidos uns, presos outros, penando em o martyrio dos contractos outros, e todos em a mais aviltante situação.

Concluirei dando a v. copia do annuncio que o consulado inglez fez, para governo de quem quizer daqui escrever para Portugal, e para qualquer outro ponto; eu dezejo que appareça em a imprensa, qual a regra que ahi se segue para as cartas e jornaes politicos e litterarios que se remettem para o Brazil, em as mallas dos vapores inglezes; pois que ainda o não achei em algum.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo III.

UM RETRATO EM UM CONVENTO.

No principio do seculo passado toda a Lisboa corria ao mosteiro de Santa Clara, de religiosas seraphicas, attrahida pela sumptuosidade das funcções divinas e pelo agrado seductor do locutorio. Alli desciam as devotas bellas tão compadecidas, e brilhando com tanta graça, que o mundo desmaiava ao pé da sepultura, aonde os olhos das defunctas eram tão lindos e sabiam dizer tudo!... Segundo affirmam os poetas contemporaneos, a prisão dos corações do calipha Haraun-Areschild, não era nada ao pé do encanto dos maviosos sorrisos, que os seduziam. E a verdade é que ainda hoje rescendem aos perfumes freiraticos aquelles sonetos e glosas, em que os vates, accesos na sacra chamma, refinavam a vida, muito mais ideal que a ronceira existencia desta época de prosa ruim, e de algarismos falsos.

Estavam então em moda «os amores freiraticos» indigno termo applicado por legulejos mal creados á casta adoração, que ardendo sobre si mesma, se consumia em suspiros, não ousando profanar o objecto querido. Pelo menos assim explicavam os amadores estas embiocadas paixões, tão melindrosas como sentimentaes. Se era isto só, ou alguma coisa mais, que responda a consciencia delles; a minha ha de suppor sempre o melhor.

Mas el-rei D. Pedro e os rabugentos ministros do seu conselho, diziam das paixões seraphicas coisas capazes de erriçar os cabellos a um cossaco do Wolga! Como a raposa achava as uvas verdes, elles achavam immoral a pasmaceira no locutorio, e deitaram um alvará contra os Narcisos da clausura, que levantou alaridos medonhos. O effeito da carrancuda lei, como era de esperar, foi salgar mais o gosto ao peccado (se peccado havia) com a desobediencia publica. A ala dos freiraticos namorados ficou firme, jurando exterminar os meirinhos e alcaides até á quinta geração. Assim a ferocidade theologica de sua magestade serviu apenas para empoar de uma nuvem de pasquins e satyras os devotos cabelleiras do seu conselho; clero, nobreza e povo riram-se da justiça; e as freiras teimosas e queixosas continuaram a vir chorar á grade *com os parentes* a tyrannia beata da lei, zombando sempre das penas do fanatico decalogo.

E como não havia de succeder assim? Eram tão delicados os seios que o burel castigava, e tão gentis as faces que a ciosa toalha amortalhava! Não seria grande crueldade obrigar as bellas captivas, tão cedo enterradas em vida, a romperem de todo com o seculo? Porque e para que? Se bem serviam a Deus, que mal faziam as innocentes, olhando por distracção uma ou duas horas para o mundo? É certo, que nem ellas fugiam, e alguma até desejava enganar-se de longe que fosse, com a sua imagem; nem os homens deixavam as portas do paraiso aonde moravam anjos tão meigos e amigos da terra. Reinava alli em toda a força o verso de Goethe:

«Amor, és immortal! sorris nas campas!»

As memorias do tempo vem cheias destas paixões, flores sem fructo, todas gelo por fóra como a sepultura em que se crearam; mas ainda quentes por dentro do incendio, que as abrasou. Seculo singular, em que as dores excruciantes do amor se consolavam com a severidade; em que a espiritualidade do affecto imperava sobre os sentidos!... Escrava dos impossiveis sentimentaes, a poesia procurava as trevas, cantando em um limbo, donde a esperança nunca descubria o ceu por mais que subisse, aonde os anjos não podiam trazer a redempção por mais que descessem!

E apesar disto eram felizes ou julgavam sêl-o. Podesse fallar a sombra de D. João V, do rei freiratico por excellencia, que ella o diria.... Quando o Salomão portuguez buscava o devoto asylo do mosteiro de Odivellas, a magia da solidão era grande, pois tão adormecido se esquecia alli, e tanto a custo o arrancavam della. Destas viagens ao ceu, como rei discreto, D. João V guardou segredo; e dos contos que o povo fez, e do mais que então se disse, só Deus sabe a verdade!

No anno de 1706, todos os dias sobre a tarde, bellos ranchos de fidalgos, mais ou menos numerosos, saíam pelo postigo do arcebispo, e vinham, de galope, desfillar ao adro de Santa Clara. Á mesma hora, tambem, as jelozias do mosteiro deixavam entrever as lindas captivas, que não se cançavam de applaudir o garbo e a destreza dos cavalleiros.

Até á noute recebiam-se as visitas no locutorio; depois de escurecer tudo vinha para o adro

illuminado, que era o theatro desta côrte primorosa. O mote cruzava-se com a glosa; as palmas do repentista inspirado com a estrepitosa ovação do seu antecessor. A serenata interrompia o madrigal, e o solau, acompanhado á viola, suffocava o pomposo elogio de ignorada deidade. O soneto, o poema-rei destas palestras de Apollo, ou sem sabor ou sibilino, coxeava atraz do conceito obrigado. As freiras de cima, e os cavalheiros de baixo, ligavam aquelles alambicados trocadilhos, favos de mel, libados no famoso livro dos «Christaes d'Alma.» Nada igualava as delicias destes serões ao divino, em que a reclusa, pondo a vózinha em ponto de rebuçado para engraçar mais, lembrava o achrostico, esse terrivel «capo lavoro» do outeiro, cujo enigma ajustado e decorado entre a musa e o vate cantava as finezas de um novo Petrarcha aos ouvidos nada crueis da segunda Laura.

Choviam então em manná de abundancia sobre o parnaso ambulatorio os papeliços de pastilhas e os gulosos fartes com o sabido sobscripto de equivocos, agudesas galantes, e zelos adocicados. De ordinario a despesa poetica do outeiro era feita pela imaginação alugada de famintos Elpinos, ditosos por vestirem com as suas pennas as gralhas loquases, a preço de uma casaca ou de um jantar.

Na tarde do mesmo dia, em que o sol nascia tão aziago para o convento de S. Domingos, as noviças e educandas do opulento mosteiro, assentadas em estrado baixo, nas deleitosas varandas que circundavam os jardins do claustro, sonhavam com a hora apetecida de se deixar a costura pelo passeio da tarde. Umas defronte das outras, estas lavravam ou cosiam finissimas cambraias; aquellas bordavam de branco ou de matiz; e algumas faziam as rendas á franceza, eterna desesperação dos bilros contemporaneos.

Da sua poltrona de pau santo, com assento de moscovia e espaldar esguio, cravejado de pregos amarellos, a soror regente espreitava por cima do livro e por debaixo dos oculos a inquieta phalange confiada á sua vigilancia. E apesar do *scio!* sacramental da veneravel madre, e em despreso da sua auctoridade, o chilreado mormurinho de risitos e de vozes não parava. A conspiração tramava-se mesmo em face do poder despotico, tão severo em reger aquelle povo feminino.

Das duas meninas, assentadas no lado opposto á cadeira da regente, uma trajava o habito e o veu branco das noviças, e a outra vestia á secular, com elegante simplicidade. A janella regral, que abria para a varanda, estava no meio dellas, e por isso ou combinando os bordados, ou fallando entre si, espaireciam a vista pelo céo e pelas flores, cochichando naquella voz timida e suave, que faz o deleite das confidencias intimas de duas amigas formosas.

A secular teria dezaseis annos, quando muito, e era Cecilia, a filha de Filippe da Gama, de quem o sr. Fr. João fallára ao seu antigo amigo, dando-lhe noticias de casa. A noviça chamava-se Catharina de Athaide, e pertencia a uma familia pobre, porém illustre da côrte; perdendo sua mãe em tenra idade entrou para o convento de nove annos, a esperar o tempo da profissão.

Cecilia era um tanto baixa; tinha aquella estatura que á força de mimosa e delicada parece fragil nas donzellas; que á mulher feita accrescenta um atractivo mais, quando a symetria das proporções lhe realça a graça. A flexibilidade, em que o corpo cedia com desleixo natural ás mais caprichosas ondulações, revestia os seus menores gestos e meneios de infinita gentileza.

O rosto não tinha a pureza seria e quasi sempre fria do typo classico; era animado da expressão meridional, menos correcta e mais ideal, cuja mobilidade reflecte a alma, e traduz a vida em toda a opulencia juvenil. A tez, sem ser da alvura deslavada e marmorea das ruivas, era branca, porém a miudo illuminada das rosas transparentes, que acende a menor comoção do sangue ou do espirito na phisionomia portugueza. As posições da cabeça, com o requebro da mais casta voluptuosidade, exprimiam sempre alguma cousa, na graça e no abandono quasi infantil, em que se esqueciam. Pequena e engraçada a bocca não se descompunha com o riso solto, que tanto desforma a formosura, abria-se como a flor abre o botão; e se podia ser accusada era do recato, com que escondia de mais dentes admiraveis pela igualdade e pureza do esmalte.

Sobre o collo pousado em toda a elegancia grega, verdadeiro collo de garça dos poetas, brincavam em spiras luxuriantes os cabellos castanhos cendrados. Uma fita, posta em *bandó*, retinha as tranças, que depois de emoldurar o rosto, esperguiçavam os anneis perfumados pelo mantinho de seda preto, que tanto fazia sobresahir o mimo e alvura da pelle. Os cabellos assedados, que soltos arrastavam pelo chão, apanhados na corôa de uma cabeça do mais perfeito modello, pareciam seguros apenas por uma rosa branca, seu unico enfeite.

Vendo-se o pé estreito e arqueado dir-se-hia que só alcatifas saberia pisar, tão breve e subtil se pousava no chão. As mãos na brancura transparente, azulada de veias finissimas e esfumadas, mostravam aquelle melindre aristocratico, que é a sua belleza. Os dedos, de um côr de rosa tibio, afilavam-se nas pontas com o geito provocador, que faz julgar a vida paga, sentindo-os castos e trementes entre outros dedos extremosos.

Mas o prestigio da vista é que lhe dava um enlêvo irresistivel. Eram negros os olhos, não daquelle preto escuro e firme, que só diz imperio; mas do outro preto, tambem fechado como a noite, mais raro ainda, que fuzila reflexos azulados, por effeito da luz, subindo a inflammar a pupilla, e rosando-se ao atravessar o claro escuro da orbita. Debaixo de sobrancelhas, desenhadas com estrema pureza em arcadas de uma curva ideal, estas pupillas assetinavam-se, banhando a vista em brilho cristalino, e humidas de fluido suave, vinham sobresaltar a alma, insinuando-se no coração!

Era fascinadora e invencivel a sensação electrica de taes olhos! E ou os seus raios, aveludados nas sombras das palpebras, temperassem a intensidade da luz, ou na sua magnetica transparencia se accendesse o fogo da paixão, é certo que dizia tanta cousa rara a ternura delles, é provavel que fosse tão terrivel a explosão da sua ira, que depois de vistos uma vez, ficavam ardendo n'alma para sempre.

Nenhuma phrase póde exprimir a melancholia celeste, que tomavam, quando meio adormecidos e elevando-se languidos para o ceu, pareciam subir em um raio de sol, e perderem-se com elle no infinito. A graça, a seducção, e o imperio fascinador de taes olhos, mais arabes do que peninsulares, mais de israelita que de circassiana, sem as covinhas arredondadas aos cantos da espirituosa bocca, sem a animação daquellas portuguezas feições, faria suppor que o berço de Cecilia era um rosal de Bagdad, ou mais exacto, algum oasis da Palestina.

O justilho com guarnições de telilha, modelando o seio virginal, apertava sobre a esbelta cintura, deixando advinhar formas elegantes, que a idade devia arredondar. Se no corpo, como já disse, predominava o mimo delicado e um pouco fragil da flor; a perfeição de alguns contornos, e a expressão de outros, revelavam já em muitas cousas a mulher, cuja belleza, rica de seiva é ainda tenra e melindrosa de musculos. Olhando para Cecilia via-se bem que o rosto, se as paixões acordassem, havia de agitar-se com ellas; que o sangue impetuoso seria prompto em inflammar o coração; e que os olhos, agora serenos, se acaso se volvessem irados, poderiam fusilar em um instante com as tempestades d'alma.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIX.

Apparição.

Era ainda noite escura, acabavam de dar cinco horas no relojo do palacio real de Salvaterra, e Luiz de Mendonça já estava apé.

O moço fidalgo passeava rapidamente de um para outro extremo de uma immensa sala; e só de tempos a tempos parava para se aproximar da larga chaminé, onde ardia um tronco de pinheiro com chamma viva e brilhante.

O vento soprava em continuas rajadas, fazendo estalar as janellas e zumbindo pelas fendas das portas com um som agudo e triste. Fóra ouviase o ramalhar das arvores sacudidas pelo vento, o ciciar do matto varrido pelo furacão, o bater da chuva que cahia em torrentes, e a agua dos brejos, que se haviam tornado em vastas lagoas, correndo em ruidosas catadupas para se ír confundir com as aguas do Téjo.

Os mil ruidos da tempestade formavam um temeroso concerto, a que os latidos e uivos das matilhas fexadas nas cavalhariças reaes davam um character lugubre e fantastico. As grossas gotas que, infiltrando-se por entre as telhas mal juntas do telhado, cahiam a espaços eguaes no ladrilho da sala, pareciam querer marcar o compasso áquella orchestra extravagante. Luiz de Mendonça escutava, por instantes, os rugidos da tempestade com pavôr. Na solidão, nas horas funebres da noite, quando tudo que vive parece calar-se na superficie da terra para deixar mais poderosa e livre a natureza, ou apenas soltar longos gemidos de angustia, a alma do homem, ainda quando os padecimentos, as maguas, as desillusões a tem robustecido, não póde eximir-se ao susto, ou antes á influencia poderosa das supersticiosas recordações da infancia.

A fantasia do solitario mancebo vagava desvairadamente pelas recordações e pelas esperanças, pelo passado e pelo futuro da vida. Ora se lhe figurava vêr diante de si, graciosa, ligeira,

com os olhos a luzirem-lhe como estrellas, os cabellos soltos em profusos anneis, com um sorriso de amor a deslizar-lhe nos beiços, a bella cigana Aza por quem elle sentira os fogosos ardores da primeira paixão; ora lhe parecia vêr sahir das aguas de um mar tempestuoso o cadaver hirto e hediondo, que, ao fitar nelle os olhos envidraçados, lançava do peito um grito cavo, lugubre, prolongado, que por fim se confundia com os bramidos do vento. Depois estas tristes fantasmagorias desvaneciam-se, e Luiz de Mendonça sentia-se transportado a um camarim sumptuoso, e ahi, de joelhos aos pés da rainha, com o coração a pular-lhe no peito de alegria, beijava as mãos alvas e graciosas de que elle vira, no dia da toirada real, desprender-se aquelle lenço de finissima cambraia, que era o seu unico thesouro.

Então elle tirava do seio o lenço, que a rainha lhe déra, e beijava-o, unia-o ao coração, orvalhava-o de lagrimas com vivos transportes de alegria, ardentissimas expressões de amor.

Subitamente parecia-lhe ouvir uma gargalhada fria e desdenhosa; e a voz da rainha, sonora e vibrante, dizer: — Lauzan é um dos mais galantes cavalheiros da França.

Logo depois, como para lhe suavisar o amargor de tão pungente magua, passava-lhe na imaginação escandecida a suave, a casta, a candida imagem de Thereza, melancolica como a saudade, terna e affavel como a amizade.

Mas aquella noite de vendavel mais era para imaginações pavorosas que para branduras e alegrias. Os rugidos do vento, e o marulho das torrentes, influiam profundamente no espirito do moço fidalgo: e por isso a cada idéa fagueira que tinha se associava logo uma triste ou temerosa idéa. A lembrança de Thereza trouxe-lhe logo a triste recordação do amigo assassinado.

Luiz de Mendonça estava ainda scismando na sorte funesta de Francisco de Albuquerque, naquelle amor irresistivel, que o levára a uma morte prematura, naquelle desapparecimento do Corte-Real ainda não explicado, quando sentiu tres ou quatro pancadas rijas dadas n'uma porta da sala, que deitava para a praça do Palacio.

Aquellas pancadas inesperadas fizeram-lhe um extranho sobresalto. Eriçaram-se-lhe os cabellos, e a mão estendeu-se involuntariamente para o canto da casa onde estava encostada a espada. Porém, reflectindo melhor, sentiu que era uma deshumanidade deixar á chuva e ao frio quem batia, talvez para pedir soccorro. Correu á porta; abriu-a rapidamente: mas quando deu com os olhos no homem que entrou de pulo na sala, recuou espavorido, e foi-lhe preciso encostar-se á parede, para não caír redondamente no chão.

— Jesus, Maria! — murmurou Mendonça.

— Que noite infernal, meu caro amigo! — exclamou Francisco d'Albuquerque; porque era elle quem causara tão grande terror a Luiz de Mendonça. — Julguei que ficava afogado ahi nesse Tejo. Mas escapei; e posso felizmente abraçar-te.

Mendonça hesitou um instante; vendo, porém, o capitão diante de si, vivo, bem vivo, a rir e a escorrer em agua deu dois passos para elle.

— Da-me um abraço anda, que estou com saudades de apertar nestes braços um amigo.

— Pois tu não morreste?

— Bem vês que não — disse Francisco rindo, e deitando sobre uma cadeira o capote molhado que trazia, fexando a porta, e aproximando-se do lume. — Não morri: e se queres ter disso um bom desengano da-me alguma coisa que se coma, se ha.

Envergonhado do terror que mostrára á vista do seu amigo, Mendonça por fim aproximou-se delle, abraçou-o com sincera alegria; e correu depois a buscar-lhe uma perdiz assada, um pão, e uma borracha de vinho que tinha n'um armario.

— Com que, me julgaste morto? — perguntou Francisco d'Albuquerque, sentando-se para comer. — Pois é verdade; estou morto, perfeitamente morto.

— Estás morto, mas fazes bem pela vida — acudiu Mendonça sentando-se ao lado do capitão; e pondo-lhe a mão no hombro como para melhor ainda se desenganar de que não era uma aparição que tinha diante de si.

— Estou morto para o mundo, para todos excepto para Margarida, para o padre Manuel Fernandez, e agora tambem para ti.

— Cedo resuscitarás. Voltas para o serviço do Sr. Infante.

— Não. Volto para o paraiso, donde vim para te salvar a vida.

— Do paraiso vieste, para me salvar a vida?

— Para te salvar a vida, que está em grande risco. Viram-te sair do paço, pela portaria das damas...

— Fui lá com um recado de sua Alteza.

— Não te pergunto porque lá foste, não o quero saber — acudiu o capitão com um sorriso.

— Ai, não penses, Francisco, não penses

que sou feliz. O vaticinio da excommungada bruxa, da maldita cigana Zaida vae-se cumprindo. O meu amor cada vez é maior; e ella...

— Isso em ti é uma loucura. Que podias tu esperar, quando pozeste a mira tão alto, senão penas, soffrimentos, dores d'alma sem remedio.

— Mas ella...

— É rainha.

— Tem olhos...

— Que só vem o que está tão alto como ella.

— Que descem ás vezes tambem. A rainha tem olhos para vêr, e coração para amar simples fidalgos, em cujas veias não corre sangue real.

— Que dizes? O amor fez-te enlouquecer!

— Olha, Francisco d'Albuquerque, — prorompeu Mendonça, com um gesto nobre, e deitando para traz a cabeça como se quizesse sacudir uma idéa que o atormentava — olha, eu bem sei que este amor é uma loucura que me ha de custar a vida talvez e que nunca hei de ser correspondido, que nem se quer hei de escutar uma palavra de commiseração. Tenho a alma temperada por desgostos, por desenganos amargos; conheço o mundo e a vida; mas para vencer este amor não tenho forças em mim. Hei de morrer com elle.

— Bem se vê que estás namorado deveras.

— Estou e sem esperança. A rainha já amou; mas o homem que ella amou, um fidalgo francez, o Duque de Lauzan, não soube apreciar a sua ventura..., não quiz o amor dessa mulher divina.

— Como soubeste?..

— Ouvi-o, não te posso dizer como, ouvi-o da propria boca da rainha.

— Então deves ter esperança. Já vês que o seu coração não é de pedra.

— Já teve coração de mulher — acudiu Luiz de Mendonça — mas agora tem coração de rainha. A rainha, não repitas a ninguem o que te vou dizer...

— Estou morto, e os mortos não falam.

— A rainha só pensa em se engrandecer. Quer dominar tudo aqui, e ha de consegui-lo porque tem alma para isso.

— E tu ama-la tanto, conhecendo-a assim?

— Já te disse que este amor é uma sina má, que me arrasta ao abismo. Sinto-o, sei-o de certo: mas não lhe posso resistir.

— Ambos nos perderemos pelo amor.

— Ah! Não me contaste ainda esse milagre da tua resurreição — interrompeu Mendonça — sou um egoista que só penso e só fallo de mim. Conta-me, conta-me tudo.

Então Francisco d'Albuquerque contou longamente ao seu amigo a historia dos seus amores com a Calcanhares, e a resolução em que estava de fugir com ella. E quando acabou de fallar já era dia claro.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Projecto de festas por oito dias em Paris. — Erigiu-se nesta capital uma junta administrativa das festas em honra da industria universal, por subscripção nacional, organisadas por MM. H. Horeau, Ch. Place, e Ruggieri, sob a protecção do commercio de Paris.

Os fundos colligidos serão depositados no banco de França, e restituidos integralmente no caso que a subscripção não chegue á quantia marcada pelo governo. O programma é o seguinte.

« — Estas festas, trazendo a Paris uma grande afluencia de estrangeiros, promovem mui consideravel movimento de capitaes. Pode affirmar-se que augmentarão á população fluctuante mais de trezentos mil viajantes, que despendendo cada um, termo medio, 300 francos, produzirão dez milhões.

« As provincias produzem, fabricam; Paris despende e consomme. Portanto, exactamente fallando, Paris não é mais que uma vasta bacia donde o capital, vasado em abundancia, se reparte por milhares de canaes para todos os pontos do territorio francez.

1.° Dia. — Festa publica exterior. — Marcha triumphal da Industria universal. Banquete de mil talheres na Bolsa do Commercio, e recepção das senhoras nas galerias superiores, ricamente armadas e illuminadas; ser-lhes-ha offerecido um refresco pelos commissarios da festa.

2.° Dia. — Exposição de agricultura, de horticultura etc. — Ás duas horas: — Concorrencia das sociedades coristas e das sociedades de harmonia e concertos no jardim de Luxemburgo, sob a direcção de Mr. Sax. Estas diversas sociedades virão encorporadas, precedidas de suas respectivas bandeiras.

3.° Dia. — Congresso musico em a sala das funcções, nos Campos Elysios, sob a direcção de M. Sax.

Ás oito horas da tarde. — Concerto e illuminação no Palais — National, no Luxemburgo, e na praça des Vosges.

4.° Dia. — Solemnidade musical e litteraria em honra dos homens illustres de todos os paizes no Pantheon francez.

5.° Dia. — Representação de uma dança heroica entremeada de canto, recitados e baile, por 2:500 executantes: nesta grande obra passarão successivamente á vista dos espectadores todas as phases da civilisação: auctores MM. Mery, Felicien David, e Lacombe.

6.° Dia. — Festas no parque de Versalhes.

Ao meio dia. — Jogo das aguas dos repuxos e cas-

catas. Á mesma hora, na sala da opera do Palacio, representação de uma das obras magistraes da comedia franceza.

Á noite. — Illuminação do parque das cascatas, que repuxarão illuminadas.

Ás oito e meia. — Representação da dança, *Alcina, ou a ilha encantada*, sobre uma jangada construida no canal grande, e do mesmo modo que se representou em 1665 perante Luiz XIV: terminará pelo incendio da ilha no meio de um fogo de artificio.

7.° Dia. — Grande baile em obsequio dos premiados, nacionaes e estrangeiros, na Exposição de Londres, dado na sala dos Campos Elysios: os nomes daquelles, inscriptos em ricos brazões, farão parte da decoração da sala, que admitte 25:000 pessoas. Os aparadores serão abundante e magnificamente guarnecidos.

8.° Dia. — Festa publica exterior.

Ás dez horas da manhã. — Solemne *Te Deum* de acção de graças e benção das bandeiras de todas as nações do globo, composto expressamente por M. Berlioz e por elle dedicado ao principe Alberto. Será desempenhado no templo de Notre-Dame, em beneficio das instituições de publico soccorro da cidade de Paris: far-se-hão convites á associação de musica sagrada de Londres, e ás de Bruxellas e de Lille, para que possam mandar deputações de cantores a esta solemnidade musical.

Á noite. — Bailes e espectaculos publicos, illuminações geraes e fogos de artificio nos Campos Elysios, na praça do Trone e no Luxemburgo.

A subscripção é voluntaria e nacional, e será recebida de todos os pontos do territorio da republica. A somma total está fixada em milhão e meio de francos. A quota das subscripções individuaes não é limitada; todavia o minimo é cinco francos.

Cada subscripção terá um numero de ordem e um numero de serie. Cinco francos, minimo da subscripção, dá direito á tirada, á sorte, de trinta mil logares, repartidos egualmente por via da sorte e por series, nas salas dos concertos, espectaculos, banquetes, logares reservados para vêr os fogos de artificio etc.; e demais disso a uma *tombola* por serie: — de uma medalha commemorativa, prata dourada: — uma medalha de prata — duas medalhas de bronze: — um exemplar rico do relatorio das festas:

Cincoenta francos dão direito a um logar certo no baile, ou no banquete da Bolsa, ou no espectaculo, ou no grande concerto. E demais aos lances da tirada á sorte acima indicada.

100 francos além das vantagens geraes precitadas, dão direito a um logar certo no baile, um logar certo no banquete: — ou dois logares para homem e senhora no baile: — ou um logar certo no espectaculo.

500 francos, além do titulo de fundador, dão direito a dois bilhetes do baile, para homem e senhora: — um logar na meza em o banquete da Bolsa: — um convite para a recepção das senhoras: — dois logares com assentos para os fogos de artificio e para a festa de Versalhes: — uma medalha de prata dourada: — um diploma em pergaminho: — um exemplar rico do relatorio das festas.

Meninas perdidas. — Immenso numero de provincianos continúa a chegar em cada comboy que os caminhos de ferro despejam todas as tardes na metropole britannica; o caminho do Norte bem depressa transportará todo o condado de Cambridge e paiz circumvisinho, por quanto por 4 schellings (800 rs. proximamente) se póde fazer a viagem, de ida e volta, de Royston a Londres com a faculdade de ficar 15 dias na cidade.

Ultimamente os *policemen* acharam, na sua busca de bengalas e chapeus de sol, meia duzia de raparigas muito moças chegadas da provincia com algum parente: felizmente haviam tido com ellas a precaução de lhes pôr rotulos e numeração como fardos de fazenda; traziam a marca de Bristol, donde procediam, pelo que depois de lhes dar de almoçar reconduziram ao aprisco aquellas ovelhas desgarradas.

Modelo de estatua. — M. Baily, membro da Academia das Bellas-Artes, de Londres, acaba de terminar o modelo da estatua do fallecido Roberto Peel Esta obra representa o insigne estadista de pé e na attitude que tomava habitualmente orando na camara dos communs. A parecença é extrema e deu logo na vista de pessoas qne conheceram o illustre defunto. A estatua será fundida em bronze e de 15 palmos de altura; ha de ser inaugurada em Bury (Lancashire) terra natal de Sir Robert Peel. O pedestal será ornado de baixos relevos contendo emblemas do commercio, da agricultura e de varias industrias, que são devedoras de seu desenvolvimento ao cidadão prestante, cuja perda a Grã-Bretanha deplora.

Eclipse do sol. — No dia 28 do passado houve eclipse total do astro da luz, só visivel distinctamente nos paizes septentrionaes: muitos principes alemães foram expressamente a Hamburgo por este motivo. O governo inglez enviou á Suecia e á Noruega seis astronomos para as necessarias observações, distribuidos pelos seguintes logares: — O doutor Robertson, director do observatorio de Edimburgo, para Bergen; o professor Peter Smith, á distancia de 30 milhas ao norte de Bergen; M. Dunkin, do observatorio de Greenwich, para Christiania, capital da Noruega; o professor Airy, astronomo de S. M., para Frederiksvaem; M. George Humphry, a Christiansand; M. John Miland, a Gothemburgo na Suecia. — No dia 9 do dicto mez havia chegado a Christiania, com o mesmo intento, M. Antoine d'Abbadie, o celebre viajante na Africa.

M. Guenal, inventor de um curioso apparelho uranographico, admittido á grande exposição, acaba de publicar uma brochura, de que tomamos o seguinte extracto.

« Sendo a terra e a lua corpos opacos que não póde a luz atravessar, produzem uma sombra atraz de si. Quando, em sua revolução, a lua passa pela sombra da terra cessa de receber os raios do sol e desapparece á nossa vista: ha então eclipse da lua.

Quando do contrario a lua se interpõe entre o sol e a nossa terra, achando-se esta na sombra da lua cessa de vêr o sol; ha então eclipse do sol.

Os eclipses só pódem ter logar nas syzigias; porém, como a orbita lunar é inclinada sobre o plano da ecliptica, e esta inclinação muda continuamente de logar, dahi vem que na maior parte das syzigias a lua acha-se ora acima ora abaixo deste plano, e é

por isso que não ha eclipse da lua em cada opposição, nem eclipse do sol em cada conjuncção.

Para que o phenomeno succeda é necessario que os tres corpos estejam em linha recta ou quasi; isto é que a lua nas syzigias deva ainda achar-se no seu nó ou muito perto do seu nó. O eclipse será total ou parcial, conforme o astro desapparecer no todo ou em parte.

A porção da orbita em que a lua deve achar-se, na conjuncção ou na opposição para que haja eclipse, está na maquina uranographica coberta de uma camada de pintura branca; o arco assim designado não se estende inteiramente a 17 gráus de cada lado do nó; além destes limites o astro estaria já ou muito elevado para o hemispherio do norte ou mui descido para o hemispherio austral, para poder appresentar as condições de eclipse.

O tempo da revolução synodica dos nós é de 346 dias proximamente: comparando-a a 29 dias e meio, que é o tempo da lunação, vê-se que estes numeros estão quasi na proporção de 223 para 19. Por tanto, passadas 223 lunações ou em cada periodo de 18 annos e 11 dias, o sol e a lua se tornam a achar na mesma posição em relação ao nó lunar; devem, pois, os eclipses voltar pela mesma ordem, o que fornece um meio simples de os predizer. — »

Em Kœnisberg, em Dantzick, em Dirschaw, onde o eclipse foi total, reinou uma obscuridade como a da noite por espaço de tres minutos, durante os quaes viam-se grande numero de estrellas, distinguindo-se perfeitamente muitas como Venus, Jupiter e Mercurio.

Os astronomos francezes, MM. Mauvais e Goujon que foram a Dantzick estudar o phenomeno escreveram a M. Arago participando-lhe que o tempo os favorecêra podendo fazer observações completas. Cinco minutos antes da conjuncção dos dois astros chegou-se a receiar que o eclipse não fosse visivel, tão coberto estava o céu: porém limpou muito a proposito. Em quanto não mandam mais amplas informações deram conhecimento do que observaram relativamente ás *protuberancias luminosas*: no eclipse de 1842 estas tocavam o disco da lua, e no de 1850 nos pontos denominados ilhas de Sandwich, eram em pequena quantidade; neste de 28 de julho um dos pontos luminosos avermelhados estava inteiramente separado a dois minutos de distancia para fóra da orla da lua; outra das protuberancias tinha fórma curva á guiza de crescente ou meia lua com appendices mui extraordinarios.

Ao mesmo tempo alguns curiosos faziam observações thermometricas mui completas, em toda a duração do eclipse, com instrumentos levados de Paris. Observações analogas se fizeram simultaneamente no observatorio da capital da França: serão reunidas e comparadas por M. Arago. Igualmente operou M. Carvalho nos Pyrenneus em uma grande altura por cima de Cauterets sobre o pico de Monné estando a atmosphera serena. De outras observações mais deu M. Arago conta á Academia das Sciencias.

Nova linha de vapores. — O jornal inglez *Express* annuncia ter-se feito uma reunião em Dublin no dia 6 do corrente, por convocação especial do lord-mayor, para se ouvirem as explicações de M. Horacio Greely sobre as suas tencões e de seus amigos da America para o estabelecimento de uma linha de vapores entre a Irlanda e os Estados-Unidos. — M. Greely exprimiu o dezejo de que o governo fizesse com os seus vapores algumas experiencias de ancoragem no porto de Galway para conhecer que vantagens offerece.

O presidente do grande caminho de ferro occidental, M. Ennis, assegurou por parte da companhia emprezaria do mesmo que esta empregaria todas as diligencias que lhe competissem para lograr-se a realisação do pensamento da reunião: tambem fez saber que tendo-se recusado os Estados-Unidos a annuir ao convite da companhia, a mesma promettera um premio de 600 libras ao capitão de todo o barco a vapor que effectuasse em nove dias completos o trajecto de Nova York a Galway, com um premio addicional de dez libras por hora de menos nos nove dias completoa.

Os jornaes de New-York publicam o contexto da carta, escripta por M. Ennis para a America com as offertas a que o mesmo se referiu. É provavel que este projecto, primeiramente abandonado, se renove agora. M. Greely fez uma viagem á Irlanda com esse intuito.

Furacão. — Escrevem de Varsovia que no dia 25 de Julho levantou-se um espantoso tufão n'algumas partes do reino de Polonia, arrancando arvores pela raiz, arrebatando tectos de edificios, devastando campos cultivados; muitos homens e grande numero de gado foram mortos; mais de 200 familias ficaram sem abrigo nem sustento. No mesmo dia, outro temporal violento fez estragos na Galitzia.

Quando em Lisboa estamos soffrendo (e do mesmo modo os habitantes de Madrid) o intensissimo calor dos dias caniculares, apenas temperado a intervallos por ventanias fortes; de França, da Irlanda, e das regiões do Norte nos trazem os jornaes noticias de tempestades, de inundações, de tufões e outros temporaes assoladores.

Em Paris a trovoada do dia 9 desfechou a centelha electrica sobre duas casas da rua Menilmontant: na 1.ª n.º 129 o fluido electrico, depois de haver causado estragos nas chaminés, cimalhas e vidraças, entrou por uma alcova do quarto andar e assombrou uma senhora viuva, queimando-lhe os cabellos, o braço direito e as pernas; dalli passou á casa n.º 131 onde fez menos perjuizos; tendo estalado o tecto da casinhola do guarda-portão sahiu pela porta sem offender este homem nem sua filha que se entretinham em seu trabalho naquelle pequeno local.

As trovoadas e alluviões dos rios caudalosos destruiram nas provincias centraes da França em grande extensão a maior parte das colheitas; com tudo, observam as folhas commerciaes que estas calamidades locaes não terão muita influencia nos grandes mercados; nos de Bordéos, Tolosa, Bayonna e Marselha ha tendencia para baixa nos preços, por quanto a colheita no sul foi satisfactoria.

Cartas de Noruega referem que em a noite de 7 de Julho cahiu neve em Tellemarken, em tal quantidade que cobriu a terra á altura de quatro palmos e meio.